GUILHERME ALMEIDA DA SILVA

A NOIVA DA NOITE

A LENDA

EDIÇÕES ACLATEV

Copyright ©2009 – Todos os direitos reservados a:
Guilherme Almeida Silva da

Versão PDF
Fevereiro 2019

Editoração eletrônica: *Jair Miguel Arcanjo*
e-mail: jm.arcanjo@yahoo.com.br

Revisão: *Dr. Jair Miguel Arcanjo*

ISBN:

A violação dos direitos autorais é punível como crime (Código Penal Brasileiro, Art. 184; Lei 6.895 de 17-12-1980), com busca e apreensão e indenizações diversas (Lei 5.988 de 14-12-1973).

Lei dos Direitos Autorais, artigos 122, 123, 124 e 126

SUMÁRIO

Introdução----------005
A Bela Escrava----------009
A Gravidez de Sinhá----------011
A Mudança na vida de Ana----------012
O Casamento das Primas----------017
As Crianças da Fazenda----------018
O Colégio----------019
A Fazenda passa por Dificuldades----------021
A Propriedade é dividida em pequenos sítios e vendida----------023
Morte do coronel Vieira----------026
A Sede da Fazenda – casa grande - é vendida----------028
Sinhá falece----------031
Ana revela ao filho quem é seu pai----------032
O novo proprietário toma posse fazenda (casa grande)----------036
Os filhos de Sinhá vendem seus Sítios----------038
A vida dos novos sitiantes----------041
A Filha de Ana----------043
Dorotéia e Felipe----------045
O casamento de Dorotéia----------047
A morte da noiva da noite----------053
Fantasma? Assombração?----------057
O Jovem militar----------061
O Encontro e namoro----------065
Casamento da filha da noiva da noite----------074
Conclusão----------081

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA

LENDA

Conta o Historiador...

Que em todas grandes cidades, as chamadas metrópoles, existe uma história do passado, e no subúrbio do Rio de Janeiro, Zona Oeste, bairro de Campo Grande, também não poderia faltar uma história do passado, como a que temos a contar: Descreve o historiador que Campo Grande, no passado, era uma fazenda, o povo da época o chamava de *"Fazenda Campo Grande"*, porque era de uma grande extensão de terra, com muitas lavouras de café e canavial para a fabricação do açúcar. Havia muitos gados, pois o fazendeiro tanto comprava como vendia. O movimento da fazenda era muito grande, ao senhor das terras chamavam *"Coronel Vieira"*, não se sabe se ele era militar ou se era assim chamado por suas condições financeiras, o coronel era aquela figura séria, muito bravo, seus homens de confiança (os capatazes) cumpriam fielmente as suas ordens, até mesmo os mais absurdas.

Com o passar dos tempos, ele ganhou um *"braço direito"*, e o mesmo foi a sua segunda pessoa: era o filho do coronel com uma escrava. Ele havia comprado, de outra fazenda, um casal de escravos, que tinham uma filha por nome Ana, muito nova. Ele trouxe todos para sua fazenda e os colocou numa pequena casa, ao lado do engenho de moer cana. O casal de escravos saía bem cedo para as tarefas diárias e levavam a filhinha, a deixavam na *'Casa Grande'* para ajudar os demais. A esposa do fazendeiro, muito exigente nos trabalhos, porém de bom coração, mulher muito jovem, filha única,

conheceu o coronel e não demoraram muito, se casaram. O coronel ajudava o fazendeiro sogro, naquela mesma fazenda, e tinha o fazendeiro um irmão mais velho, que, por sua vez tinha duas filhas moças; era viúvo de pouco.

Contando o coronel com pouco tempo de casado, os sogros vieram a falecer; morreu o fazendeiro e, não demorando muito, a própria viúva, ficando a filha órfã de pai e mãe. O esposo já conhecia todo movimento da fazenda, não foi difícil dar continuação, pois o coronel tinha um irmão bem mais novo que ele, que os pais tiveram, depois de certa idade e, juntos com seus pais, foram todos morar na fazenda e ajudar nos trabalhos diários. Os pais, como não eram fazendeiros, tiveram que se acostumar com a nova atividade, pois moravam num pequeno sítio e as atividades eram bem parecidas, porém em pequeno porte. Já os demais sabiam o que haveriam de fazer. Foi muito fácil para o coronel, não precisava falar para o capataz o que fazer, os escravos já sabiam, cada um, das suas tarefas e lugar de trabalho. O tempo foi passando, a menina também crescendo, nesse decorrer de tempo, muita coisas ela viu acontecer. Muitas vezes viu o coronel mandar prender o escravo no tronco com corrente, onde era açoitado, e, muitas outras maldades ela viu acontecer. O coronel era muito brabo e todos o temiam, até Sinhá tinha certo respeito e evitava que ele abrisse a boca.

A fartura que havia naquela fazenda era muito grande, manadas de gado chegando, bem como muitos carros com mercadorias saindo, enfim, muitos acontecimentos ela teve a oportunidade de ver. O tempo foi passando, ela também crescendo, seus pais já um tanto idosos, porém ajudavam nos trabalhos diários; o irmão do coronel, que era ainda novo, ajudava na *'Casa Grande'*

fazendo mandado para o coronel, e ele já olhava para uma das filhas de um capataz, o tempo voava, que nem se dava a perceber, a adolescente ia crescendo e quando atravessava pelas lavouras os escravos olhavam, e os capatazes sempre tinham uma palavra para ela e diziam: - Já vai, menina linda, e ela muitas vezes passava correndo, por achar que estava atrasada, com medo da Sinhá brigar.

Sempre usava um chapéu velho, que porventura achava, ou um pano sobre a cabeça, por causa do sol. Por ser seus pais de diferente cor, ele branco, e a mãe negra, a menina nasceu 'cabocla' dos cabelos pretos cacheados, porém nunca havia cortado os cabelos, que lhe batiam na cintura. Muitas vezes, quando passava correndo, os capatazes repetiam – *"Cuidado com os cachos, menina bonita!";* e ela dizia: *"-Tenho que chegar rápido, senão a Sinhá briga comigo!"*. Como disse o historiador, Sinhá era muito exigente, porém de coração generoso. O esposo sempre ia ao centro da cidade para cuidar dos negócios, e trazia alguns cortes de pano para a costureira fazer vestidos para ela, e aproveitava, passava na loja de calçados e comprava sapatos, enfim, nos guardados de Sinhá sempre havia muitas roupas e calçados; por ela ter um coração não egoísta, ela sempre tirava um dia para revisar as roupas e calçados, e quando algum vestido ou calçado não mais queria, ela doava para algumas escravas, até por questão de cobrir a nudez. A mãe de Ana sempre era beneficiada, foi morar fora da senzala numa casa só para a família e Sinhá lembrava-se dela, com roupas que não mais queria.

Quando Ana era ainda muito nova, a mãe recortava aqueles vestidos de adulto, e fazia um menor para ela, mas o tempo não para. Ana sempre crescendo e bonita como sempre. Por estar a menina todos os dias junto com eles, não percebiam que não era mais aquela

adolescente, e sim uma verdadeira moça, não perceberam o crescimento dela, como também do irmão do coronel que, já homem formado e namorando, com casamento marcado com uma das filhas de um capataz. O coronel tinha muito zelo pelo irmão, pois sempre foram muito amigos um do outro, daí alguns meses o fazendeiro realizou o casamento do irmão com a filha do capataz. Por sinal, depois do casamento dele com Sinhá, este foi o casamento mais falado da redondeza, o coronel muito ajudou, deu todo apoio para o enlace matrimonial. Alguns fazendeiros de fora foram convidados e vieram honrar o fazendeiro, com sua presença. O coronel deu também uma moradia para o casal, uma casa que ficava a certa distância da casa da fazenda, e assim eles o ajudavam nas atividades da tão falada *'Fazenda Campo Grande'*.

O coronel vinha das atividades do campo, almoçava e ia cuidar das escritas diárias num quarto reservado, com todas as anotações do movimento diário da fazenda, muitas vezes ele entrava noite adentro conferindo entrada e saída das notas de mercadoria.

A BELA ESCRAVA

Numa manhã de segunda feira, o casal de escravos não foi trabalhar, o pai dela amanheceu passando muito mal, e a mãe ficou em casa para cuidar do esposo, eles, já um tanto idosos, a filha do casal colocou um vestido um pouco melhor e foi de cabelos soltos para casa grande, no meio do caminho ao longe, o coronel avistou-a e foi de encontro à jovem, foi saber quem era, pois não a reconheceu, o coronel perguntou:

- Quem deu ordem para você passar por aqui?

Ela respondeu, meu senhor, eu ajudo na casa da fazenda, juntos com as outras escravas e escravos, e meus pais, trabalham no campo, só que eles não Vieram, meu pai amanheceu muito mal, e não saiu de casa, e minha mãe, ficou cuidando dele, sendo o coronel durão como era, teve que entender, que uma pessoa passando mal, nada pode fazer, e a te atrapalha, então ele disse—se apreça porque Sinhá estar à sua espera, seguiu o seu caminho correndo, quando lá chegou, os que estavam na casa, grandes e pequenos, todos abismados com a beleza até em tão não vista, os olhares voltados para ela, escravos, e capatazes, e eles cochichavam, uns com outros, os capatazes, saíram dos seus lugares, para ver quem era aquela que havia passado, só não ousava mexer, porque tinham medo do coronel, quando Sinhá avistou a escrava, mudou o semblante, e o comportamento, e disse, de hoje em diante quero você mais perto de mim. E aumentou grandemente os trabalhos para Ana, exigia que iniciasse o trabalho bem mais cedo, e a noite que ficasse junto com os demais escravos na senzala. Ela dormiu juntos com os outros

escravos na senzala, por duas noites. O coronel ficou sabendo e a liberou para voltar para casa e dormir junto com os pais.

Daquele dia em diante, ficou uma interrogação no pensamento de Sinhá, e pensava realmente ela e muito bonita e bem feita de corpo, mas não deixa de ser uma escrava. Os dias passavam. O casal de escravos ia, e voltavam das suas tarefas e a filha sempre os acompanha. Saia juntos para ir para a casa da fazenda, muitas vezes ela retornava já tarde porque a Sinhá lhe aumentava os trabalhos, por ela ser muito vistosa e bonita, Sinhá ficou com pé a traz desde a primeira vez que viu a jovem moça com a cabeça descoberta, deixando à mostra seu belo rosto.